

Só europeus ainda impedem acordo

Eles não querem mandar dinheiro novo para o Brasil. Mas Milliet disse, após a reunião de ontem, que os banqueiros "estão cedendo"

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

NOVA YORK — Um acordo sobre quanto os bancos devem emprestar ao Brasil, e a que preço, continuava sendo considerado "iminente", no final da tarde de ontem, em Nova York.

O maior problema a vencer era a resistência de credores alemães, principalmente, e de europeus, em geral, a idéia de dar mais dinheiro novo ao Brasil. Mas ao final da reunião, Fernando Milliet afirmou: "Os europeus estão cedendo". Uma fonte muito bem informada disse ao **Estado** que "o acordo é para as próximas horas", mas indicou que sua certeza era mais "fruto de uma dedução lógica" do que de uma informação do comitê assessor, que "está dividido, tantos são os bancos que representam".

Esta mesma fonte contou que "na sexta-feira um acordo parecia estar ao alcance da mão: as indicações eram muito promissoras", e no domingo "ocorreu um certo recuo", mas que novo encontro, ontem de manhã, "reanimou as esperanças".

A explicação é simples: na sexta-feira, o ministro Mailson da Nóbrega somava as indicações que lhe foram dadas pelos banqueiros que reuniu para um almoço, depois dos contatos que teve durante a semana com o governo americano, que prometeu apoiá-lo. A nível dos Estados Unidos, um acordo poderia ser considerado fechado. Mas ao secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, e o presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, não exercem influência sobre os bancos europeus, que estão agora bloqueando o desfecho para as negociações iniciadas em 13 de outubro do ano passado. Os bancos europeus, melhor provisionados contra empréstimos problemáticos do que os americanos, podem endurecer com o Brasil.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, encontrando-se com a imprensa antes de entrar nos escritórios de advocacia Shearman e Sterling, onde são realizadas as negociações, indicou que "provavelmente volto amanhã (hoje) para o Brasil, para participar, na quarta-feira, de uma reunião do Conselho Monetário Nacional". Mas ele não descartou a possibilidade de também permanecer, diante de novos desenvolvimentos para o fechamento do pacote de médio prazo.

O Brasil pedia cerca de US\$ 7 bilhões para 1987/88 e, primeiro trimestre de 89, enquanto os bancos ofereceram US\$ 5 bilhões. O Brasil reduziu o seu pedido para US\$ 6,6 bilhões, e esperava-se, agora, que os bancos diminuíssem ainda mais a diferença para o acordo sobre o montante. O impasse sobre o **spread** também era negociável: os bancos já tinham oferecido 0,875, mas o Brasil quer, no mínimo, o que foi dado ao México, 0,8125.

Uma fonte diretamente envolvida nas negociações contou ao **Estado** que "há algumas alternativas para resolver os problemas existentes. Um deles, por exemplo, é o de criar algumas cláusulas de contingência, prevendo várias etapas do processo. Se o Brasil espera um dinheiro do Banco Mundial, e ele não sai, por um ou outro motivo, então os bancos entrariam com mais dinheiro. Da mesma forma, se o Brasil ganhar um empréstimo do FMI, os bancos poderiam entrar com menos. Estas cláusulas de contingência estão na mesa de negociações nestas últimas horas, e podem dar uma empurrão para o fechamento do pacote de médio prazo".

A conclusão desta mesma fonte é a de que "num nível político, todos aceitam as reivindicações brasileiras, mas quando chega a hora de descer aos detalhes técnicos, inúmeros problemas vão surgindo".



Sérgio Borges

Para Mailson, o acordo deve sair "nos próximos dias"